

neira, assim como ficar ofuscado é o que acontece quando se olha o Sol. Quando alguém olha as coisas de que maneira? Sentimo-la apenas, e talvez algum dia seja possível explicá-la em termos os mais precisos. Faça isso e aquilo, e você terá todas as metáforas do mundo."

Esta atitude aparentemente fria e analítica, contudo, faz-se acompanhar, de modo assaz curioso, de uma concepção excessivamente esotérica da poesia. Tal concepção foi formulada de maneira muito clara — ressaltando, ao que parece, sua debilidade, de maneira igualmente clara — num prefácio com que Valéry contribuiu para um comentário acerca de seus *Charmes* escrito pelo ensaísta francês Alain (esses eruditos e superpostos estratos de comentários são, em si mesmo, muito característicos da crítica contemporânea de poesia). No referido prefácio encontramos como de hábito a abordagem científica que segundo nos ocorre durante a leitura é constituída, em grande parte, de símiles científicos: "Há certos corpos assaz misteriosos que a Física estuda e que a Química usa: sempre me vêm à mente quando reflexiono sobre obras de arte." São os agentes catalíticos que precipitam as reações químicas sem serem eles próprios afetados. De igual maneira, diz Valéry, atua a obra de arte na mente em que se introduz. Mesmo quando quimicamente considerada, pois, a obra de arte permanece sendo algo "misterioso". E, constata-se mais tarde, Valéry considera "obras de arte", no setor de Literatura, exclusivamente a poesia. A prosa, afirma, tem o "significado" como único objetivo; mas o objetivo da poesia é algo não apenas mais misterioso, mas também aparentemente mais oculto: "Não se trata absolutamente, em poesia, de uma pessoa transmitir a outra algo inteligível que lhe ocorra na mente. Trata-se de criar, na segunda, um estado cuja expressão é precisa e unicamente aquela que o comunica a ela. Qualquer que seja a imagem ou emoção suscitada no amador de poemas, será válida e suficiente se produzir nele tal recíproca relação entre causa verbal e efeito verbal. O resultado é que o leitor desfruta de liberdade muito ampla em relação às idéias, liberdade análoga àquela que se reconhece no caso do ouvinte de música embora não tão intensa."

Parece-me que um simulacro de exatidão é usado, no caso, para encobrir certos pressupostos ridiculamente falsos e promover uma espécie de misticismo estético, em vez de realizar uma análise científica. Em primeiro lugar, não será absurdo afirmar que a prosa se ocupa exclusivamente de "significado", co-

mo algo distinto de sugestão, e que ninguém tem o direito de esperar da poesia, como diz Valéry em outra passagem, "nenhuma noção definida"? Será o verso, de fato, um produto intelectual de espécie totalmente diversa da prosa? Terá, de fato, função absolutamente diversa? Pois não são verso e prosa, afinal, meras técnicas humanas de intercomunicação, e técnicas que desempenharam variadas funções, que foram usadas para variados propósitos, em diferentes períodos e civilizações? Os antigos gregos usavam versos para suas histórias, romances e leis; gregos e isabelinos usaram-nos para seus dramas. Se as definições de Valéry forem corretas, em que ficam Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare e Goethe? Todos eles se ocupam do sentido, bem como da sugestão, e visam a expressar "noções definidas". Essas definições, todavia, foram obviamente ideadas para serem aplicadas à poesia do próprio Valéry e à de Mallarmé e de outros simbolistas. E, entretanto, não se aplicam, efetivamente, sequer a a elas. Como vimos, a poesia de Valéry faz sentido, ocupa-se de fato de assuntos definidos, transmite-nos "algo inteligível que ocorre no interior de sua mente". Conquanto, ao chamar seu livro de poemas *Charmes*, tenha ele buscado dar ênfase ao seu caráter esotérico, mágico, não-utilitário, não podemos admitir que seja mais do que um esforço, semelhante a outros, de linguagem humana articulada. Que acontece quando nos comunicamos uns com os outros, quer em literatura, quer em imprecisões e gritos de socorro, quer em verso como em prosa — qual o papel desempenhado pelo "significado" e qual o desempenhado pela sugestão; e se são um e outra diferentes e separáveis — são questões que nos levarão muito longe; a elas voltarei em capítulo ulterior. Mas Valéry já nos deixou entrever — trata-se inclusive de uma de suas idéias favoritas — que compreende a similitude básica entre as várias formas de atividade intelectual, ufanou-se de apontar o parentesco entre poesia e Matemática. E se a função e os métodos da poesia são semelhantes aos da Matemática, devem certamente ser semelhantes aos da prosa. Se Valéry faz lembrar Descartes, conforme ele parece comprazer-se de bom grado em imaginar, então será impossível estabelecer distinção efetiva entre um tratado filosófico e matemático e não importa qual poema simbolista. Valéry se trai neste ponto, parece-me, como pensador que pouco tem de "rigoroso" e trai também, creio, um desejo, defensivo, sem dúvida, ao mesmo tempo que esnobe, de dar a entender que o verso — técnica hoje muito pouco usada no campo da História, da novelística ou da